

**Conjuntura** Economistas prevêem que PIB deve ter expansão de até 3,5% neste último trimestre de 2003

# Crescimento acelerou-se no fim do ano

**Denise Neumann**  
De São Paulo

A economia brasileira acelerou o ritmo de crescimento no quarto trimestre. Na avaliação de consultorias econômicas, o Produto Interno Bruto (PIB) deve encerrar o último trimestre com um crescimento entre 2,0% e 3,5% superior ao do terceiro trimestre (já descontados os efeitos sazonais) e entre 1,5% e 1,7% acima de igual período do ano passado. Na média do ano, o resultado será fraco: 2003 deve repetir ou ter um crescimento muito pequeno em relação a 2002.

A economia, contudo, está em rota de crescimento — apesar da impressão contrária causada pela divulgação do PIB do terceiro trimestre — e este fim de ano mais “acelerado” vai carregar seus bons fluidos (e estoques baixos precisando de reposição) para 2004. Na média, as previsões do mercado apontam para um crescimento de 3,5% no próximo ano.

Há quem aposte em mais: o grupo de conjuntura da Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) espera um PIB 4,5% maior em 2004. É a previsão mais otimista entre os economistas. “Essa expectativa está ancorada em um quarto trimestre forte em relação ao terceiro. Esperamos um crescimento de 3,5% nesta comparação trimestral”, explica Caio Prates. Nova alta na produção industrial e um aumento de 9,6% na agricultura justificam essa taxa.

Diretores do Banco Central tem indicado nas conversas com analistas econômicos que não partilham a visão de que a economia continuou muito parada no terceiro trimestre. O crescimento de 0,4% na comparação com o segundo trimestre deu a impressão de que a economia estava mais fraca que o esperado. “O dado do PIB do terceiro trimestre carregou um passado de estagnação”, observa o economista Darwin Dib, do Unibanco, que concorda com o BC.

O período, lembra ele, começou devagar, mas claramente acelerou o ritmo em setembro. “O dado de produção industrial naquele mês, com crescimento de 4% sobre agosto, é um claro indicador dessa situação”,

pondera. E outubro e novembro — cujos dados da indústria ainda não conhecidos — devem mostrar novos dados positivos. O crescimento, pondera Dib, não será tão intenso como o de setembro, mas a base de comparação já é maior e também aquele mês teve maior número de dias úteis. O Unibanco projeta um quarto trimestre com alta de 1,7% sobre igual período de 2002.

Estimativa preliminar da LCA Consultores é semelhante: alta de 1,5% sobre o último trimestre do ano passado. “A economia está em rota de crescimento. Não há nenhuma dúvida sobre isso”, diz Francisco Pessoa Faria, economista da LCA. Questões metodológicas, diz ele, podem afetar o dado de produção industrial de agosto (um alto-forno não funcionou todos os dias do mês) e houve greve nas montadoras. “Mas um dado não muda a tendência.”

Na avaliação da MCM Consultores, o quarto trimestre terá um crescimento de “pelo menos” 2% sobre o terceiro. O ritmo desse fim de ano, se fosse anualizado, indicaria uma economia já crescendo

perto de 4% ao ano, diz Celso Toledo, economista-chefe da consultoria. “Estamos em franca expansão”, pondera. Para 2004, o país têm chances de crescer até 4%, na sua avaliação.

O resultado do PIB no terceiro trimestre surpreendeu negativamente. Além de questões metodológicas, o resultado refletiu a média dos três meses, enquanto a recuperação começou, de forma mais consistente, em setembro. Nos dois meses anteriores, a reação ainda era muito tímida.

Alguns economistas tem chama-

do atenção para as alterações metodológicas. O IBGE mudou a fórmula de cálculo de 36% do PIB, observa Faria. O item outros serviços representa 10% do total do PIB, enquanto aluguel responde por mais 10% e administração pública por 16%, relaciona ele. “As mudanças não foram neutras em termos de crescimento.” Pela metodologia antiga, o item outros serviços cresceu 2,7% e 2,6%, respectivamente, no primeiro e segundo trimestre em relação a igual período do ano passado. Com a revisão metodológica, esses dados passaram para menos 0,1% e menos 1,8%.

Fernando Montero, da Tendências Consultoria, calcula que a revisão “tirou” do PIB cerca de 0,4% no ano. A mudança metodológica não mudou o que aconteceu na economia real, nem fez o país andar mais devagar. O que mudou foi a forma de medir a realidade. Montero acredita que a forma anterior do IBGE inflava a realidade e que agora ela está mais correta. Para ele, o resultado que melhor reflete a conjuntura foi o crescimento do PIB industrial, de 2,7% sobre o segundo trimestre, já com ajuste sazonal.